

FILHOS NA QUARENTENA

por **LILIAN FERRACINI**

A Pandemia da Covid-19 alterou o cotidiano mundial. Novas rotinas de higienização foram adotadas, a população foi incentivada a adotar o isolamento ou, pelo menos, o distanciamento social, o que levou muitos profissionais ao home-office e as crianças e adolescentes a uma diferente modalidade de ensino: à distância.

Se para os adultos essa fase tem sido desafiadora, para os seus filhos muito mais. Do dia para a noite, as aulas presenciais foram suspensas, e as interações sociais foram diminuídas ou evitadas. Para os pequenos, é difícil entender como o perigo de contrair uma doença pode alterar tanto a rotina de escola, brincadeiras, passeios e visitas aos avós, por exemplo. A grande maioria das crianças passou a ver amigos e familiares pelo computador, assim como a professora que do outro lado da tela se esforça para garantir que todos os alunos assimilem os conteúdos programáticos.

Para os maiores, ter que se distanciar de amigos e todas as intensas atividades (cursos, festas, viagens),

também não foi fácil. Apesar da maior familiaridade com o mundo virtual, a restrição de contatos pessoais não é algo simples, nem natural, para os adolescentes e jovens.

As mudanças não foram fáceis para nenhum dos grupos, certamente. Mas os adultos têm mais instrumentos para lidar com imprevistos, tédio e restrições. Para as crianças, ficar sem a possibilidade de ver os amigos, correr no parque, ver os avós é mais complicado. No entanto, as crianças têm mais tendência a ver o mundo com mais fantasia. Um colchão fora do lugar transforma-se numa cabana em segundos. Um lençol sem dobrar sobre a cama já vira um manto de rei ou rainha. Um papel de pão transforma-se em uma tela para lápis e pincéis. Para os adolescentes, quase tudo vira meme ou piada.

Como sabemos de tudo isso? Acompanhe as nossas entrevistas com algumas dessas crianças e adolescentes que encontraram caminhos criativos para lidar com esse *novo normal* (alguém aí já cansou desse termo também?):

Para **Maria Luisa Tsung Gobbi, de 8 anos**, filha de Rachel Tsung, Diretora da TLine, muita coisa mudou desde março passado. “A babá não está mais vindo, meu pai e minha mãe estão trabalhando em casa. Não estou indo para a escola, estou fazendo minhas lições em casa. Meus amigos não podem mais vir para minha casa e nós não podemos sair de casa sem a máscara, porque podemos pegar o coronavírus e mesmo que para crianças não tenha efeito, podemos passar pra pessoas mais velhas que amamos”. Se as pessoas mais velhas pegarem, elas podem ficar doentes e morrer. Não podemos espirrar na mão, temos que espirrar no cotovelo, temos que lavar a mão sempre. Se você estiver na rua, não pode mexer em nada e precisa usar álcool gel e usar a máscara.

Apesar de os pais estarem envolvidos com o trabalho durante o dia, Maria Luisa, por um lado, tem gostado desse novo modelo por permitir mais tempo de convivência em família. O aspecto negativo é justamente a impossibilidade de sair. “Eu gosto de ir à escola, estou cansada de ficar em casa, quero ver meus amigos, viajar”.

Já a caçula Mariana Tsung Gobbi, de 4 anos, considera que está brincando mais com os pais nesse tempo de quarentena. “como o papai e a mamãe não estão saindo de casa, eles têm brincado mais de pega-pega, gato-mia, esconde-esconde, boneca”... a diversão é tanta que a Mariana quer que seja desse jeito para sempre. “Está muito legal ficar em casa... eu queria também poder sair para passear, ir à escola, viajar, mas está bem legal ficar em casa também”, comenta Mariana que ensina: “o coronavírus mata velhinhos e gente grande, precisamos usar álcool gel, lavar as mãos, não pode tocar em nada e também tem que usar máscara”.



IMAGENS: ACERVO PESSOAL

Lara Gomes Chieppe, de 15 anos, filha de Riguel Chieppe, Vice-Presidente da ABRADIT, conta que a mudança imposta pela pandemia trouxe impactos positivos para sua família, pois todos começaram a aproveitar mais a companhia um do outro, durante os intervalos do trabalho e escola. “Para mim, eles trabalharem em casa se tornou algo natural com o tempo e, com isso, eu pude aproveitar mais os lados positivos de ter suas presenças de maneira mais recorrente. Tanto que acho que seria bom ter, no futuro, um equilíbrio maior entre atividades presenciais e remotas, pois essas reuniões virtuais se mostraram muito benéficas em alguns casos”.

Ainda em distanciamento social, saindo apenas para consultas médica e eventos muito esporádicos, Lara conta que com a quarentena, começou a se interessar pelas linguagens da programação e, com isso, aprendeu muito sobre a área, além de ter aproveitado para ler “The Other Einstein” e Convergente.

Para representar esse momento, convidamos Lara a nos enviar um meme. O escolhido por ela foi:



LARA GOMES CHIEPPE E ARTHUR GOMES CHIEPPE

Para **Arthur Gomes Chieppe, de 18 anos**, as principais mudanças foram quanto aos hábitos em relação à higiene em casa. “Antes entrávamos e permanecemos com os mesmos calçados que usávamos quando na rua. O hábito de deixar a sujeira e as más energias antes de entrar com certeza continuará após a pandemia”, garante. Outra mudança positiva foi a possibilidade de almoçar em família em grande parte da semana, o que era impossível com a rotina normal, em que cada um tinha horários diferentes. Arthur também indica que um melhor equilíbrio entre as atividades presenciais e remotas possa ser positivo para a convivência familiar e satisfação pessoal, um legado desse tempo complicado que o mundo vive. Apesar de, no segundo semestre, a experiência *indoor* para Arthur já esteja ficando desgastante e monótona, ele tem aproveitado para jogar Beach Tennis com a irmã, “super importante para me manter ativo durante o isolamento social”. A melhor experiência desse período foi poder tirar um tempo para ficar com a família. Eu havia acabado de retornar de um intercâmbio de um ano, e logo que voltei ao Brasil fui fazer faculdade em São Paulo. Assim, a pandemia e o EAD me deram a oportunidade de passar bastante tempo com eles em Vitória, ES.

Para **Arthur Gomes Chieppe, de 18 anos**, as principais mudanças foram quanto aos hábitos em relação à higiene em casa. “Antes entrávamos e permanecemos com os mesmos calçados que usávamos quando na rua. O hábito de deixar a sujeira e as más energias antes de entrar com certeza continuará após a pandemia”, garante. Outra mudança positiva foi a possibilidade de almoçar em família em grande parte da semana, o que era impossível com a rotina normal, em que cada um tinha horários diferentes.

Arthur também indica que um melhor equilíbrio entre as atividades presenciais e remotas possa ser positivo para a convivência familiar e satisfação pessoal, um legado desse tempo complicado que o mundo vive.

Apesar de, no segundo semestre, a experiência *indoor* para Arthur já esteja ficando desgastante e monótona, ele tem aproveitado para jogar Beach Tennis com a irmã, “super importante para me manter ativo durante o isolamento social”. A melhor experiência desse período foi poder tirar um tempo para ficar com a família. Eu havia acabado de retornar de um intercâmbio de um ano, e logo que voltei ao Brasil fui fazer faculdade em São Paulo. Assim, a pandemia e o EAD me deram a oportunidade de passar bastante tempo com eles em Vitória, ES.

Eu: Finalmente terminei todas as tarefas e posso descansar.

Professor com 50 PDF's:



Com **5 anos, Rafael Conte Novaes Silva**, filho de Daniel Conte Silva, Gerente Regional de Serviços na Toyota do Brasil, conta que a maior mudança advinda com a pandemia foi o “jeito de fazer a aula da escola”. Sobre o home-office dos pais, Daniel disse não quer que continue assim porque tirou seu espaço em casa.

Apesar de cansado de não poder sair, Rafael tem gostado “de comer hambúrguer, de jogar videogame, de fazer biscoito com a mamãe e de ficar de pijama o dia inteiro”.

Sobre o vírus, Rafael disse que é “redondo, não gosta do nosso planeta e está enchendo a paciência”, principalmente porque ele não está podendo nadar nesse período.



DESENHO DE RAFAEL



Marcinho Lopes Jafet, de 7 anos, filho de Marcio Lopes Jafet, Diretor da Collection Motors, disse que apesar de sentir falta dos amigos da escola e do coronavírus ser algo ruim, esse período em casa até que tem sido bom. “Eu não fui mais para a escola e comecei a ter mais tempo para brincar com meu irmãozinho de um ano e meio. Além disso, logo que meus pais passaram a trabalhar em casa, eles tinham mais tempo para brincar, ver desenho e conversar. É legal quando eles trabalham em casa, gostaria que fosse sempre assim”.

Para **Oscar Nishikawa, de 7 anos**, filho de Saori Yano, Gerente de Sustentabilidade da Toyota Brasil, o coronavirus é um bichinho cheio de pontinhos que causa gripe nas pessoas e as mata. Por isso não se pode mais ir à escola, ou ao shopping, ou passear. “Sinto falta de passear, mas agora não podemos mais. Com o papai e a mamãe em casa, a gente não pode fazer barulho quando eles estão em reunião, mas temos uma hora a mais para brincar com eles”.

Apesar de estar gostando bastante de ter mais tempo para brincar de lego e ler o mangá One Piece (já está no volume 92), Oscar não gosta muito desse novo momento porque as aulas online são chatas e ele gostava de ir à escola. “Na escola tem o recreio, onde podemos conversar, jogar ping pong e pegar livros na biblioteca”.

Seu irmãozinho de 4 anos, Victor, não falou muito na entrevista, mas disse tudo quando fechou a cara para contar que antes ia para a escola e agora não vai mais e tem que colocar a máscara para caminhar e usar bastante álcool gel. (Victor, nós te entendemos).



OSCAR NISHIKAWA



FAMÍLIA YANO REUNIDA.



**VAI FICAR
TUDO BEM!**



Isabela Battistini Zanin, de 6 anos, filha de Soraya Zanin, Chefe de Departamento de Desenvolvimento de Rede da Toyota do Brasil, disse que o coronavírus mudou muito a sua rotina. É uma doença que atinge algumas pessoas que saem de casa sem máscara e que pode ser grave a ponto de precisarem ser hospitalizadas e “outras até viram estrelinhas”. Por isso, agora, a família só pode sair com máscaras e de carro.



DESENHO DA ISABELA

Além disso, as aulas passaram a ser online, o que é chato porque ela está com muitas saudades da escola, dos amigos e, em especial, da *best friend* Nicole. Ela acha bom ter o papai e a mãe em casa, “porque eu fico com saudades deles”. Mas quando perguntada se queria que fosse assim para sempre, ela recuou. Até prefere que eles voltem a sair para trabalhar porque dessa forma ela irá para a escola – a saudade está forte mesmo. “Estou cansada de ficar em casa, eu quero ir para a escola”.

Enquanto não pode sair o ir para a aula presencial, Isabela diverte-se fazendo montes de slimes e indo à piscina.



CORONAOQUÊ?

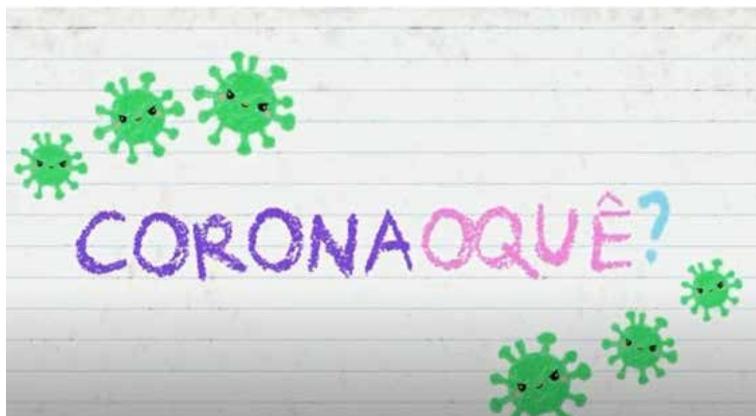
O Laboratório Aberto de Interatividade para a Disseminação do Conhecimento Científico e Tecnológico (LAbI) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) lançou a série de vídeos “Coronaoquê?”, que aborda temas relacionados à COVID-19 para crianças.

A série, que utiliza a linguagem do desenho, parte de temas em evidência no debate público sobre a pandemia para compartilhar explicações que possam ser compreendidas pelas crianças.

A série “Coronaoquê?” se soma a uma série de outros esforços do LAbI na divulgação de informações confiáveis sobre a COVID-19, apoiados pelo Centro de Desenvolvimento de Materiais Funcionais (CDMF) e pelo Centro de Inovação em Novas Energias (CINE).

O CDMF é um Centro de Pesquisa, Inovação e Difusão (CEPID) da FAPESP sediado na UFSCar. O CINE é um Centro de Pesquisa em Engenharia (CPE) constituído pela FAPESP e Shell, com sede na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A série de vídeos pode ser vista no canal do LAbI no Youtube.



Fonte: Agência FAPESP* Com informações de Mariana Rodrigues Pezzo, coordenadora executiva do LAbI .